



# Reflexões sobre a pandemia à luz da Encíclica *Laudato Si*

## *Reflections on the pandemic in the light of Encyclical Laudato Si*

José Roberto Abreu de MATTOS<sup>1</sup>

 0000-0002-9532-9540

Marco Antonio SEPARAVICH<sup>2</sup>

 0000-0001-7703-344X

## Resumo

Neste artigo, desenvolve-se a reflexão sobre a recente pandemia instaurada na sociedade, decorrente da infecção causada por um tipo novo de coronavírus. A doença, altamente contagiosa, foi nomeada *Coronavirus Disease 2019* (Covid-19) pela Organização Mundial de Saúde e tem acometido grandes parcelas populacionais. Em 20% dos casos, os infectados apresentam sintomas severos, como insuficiência respiratória grave, necessitando de internação. Medidas sanitárias mundiais foram adotadas para conter a sua propagação. Os cientistas apontam que é ao desequilíbrio da natureza promovido pelo homem que deve ser creditada a emergência da pandemia. Em 2015, o Papa Francisco lançou a Encíclica "*Laudato Si*", discorrendo sobre o modo desordenado e desequilibrado como os homens estão concebendo a vida e suas consequências para as relações humanas e o meio ambiente. Esse desequilíbrio está adoecendo a Terra e os seus habitantes, como evidenciado pelo advento da pandemia. Manifestam-se, neste texto, considerações sobre o desequilíbrio do homem com a natureza, expresso também nas desigualdades sociais, e pontuando, sempre que possível, a posição eticamente crítica contida na referida carta papal.

**Palavras-chave:** Ética cristã. Covid-19. *Laudato Si*. *Ordo Amoris*.

## Abstract

*In this article, we reflect on recent pandemic affecting our society, resulting from the infection caused by a new type of coronavirus. A highly contagious disease, named Coronavirus Disease 2019 (Covid-19) by the World Health Organization, it has affected large populations and 20% of infected individuals have serious complications, such as severe respiratory failure, requiring hospitalization. Worldwide sanitary measures have been adopted to contain its spread. Scientists point out that the emergence of the pandemic should be credited to the imbalance of nature promoted by men. In 2015, Pope Francis launched the Encyclical Laudato Si, talking about the disordered and unbalanced way men are conceiving life and its consequences for human relations and environment. This imbalance is sickening the Earth and its inhabitants, as evidenced by the advent of the pandemic. This text presents considerations about the imbalance between men and nature, also expressed in social inequalities, and highlighting, whenever possible, the ethically critical position contained in that Papal letter.*

**Keywords:** *Christian Ethics. Covid-19. Laudato Si. Ordo Amoris.*

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia, Departamento de Teologia Fundamental. Av. Nazaré, 993, Ipiranga, 04263-100, São Paulo, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: J.R.A. MATTOS. E-mail: <betoguanais@hotmail.com>.

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina, Departamento de Medicina Preventiva, São Paulo, SP, Brasil.

## Introdução

A pandemia gerada por um novo vírus, causador de uma infecção respiratória grave, conturbou indelevelmente a vida cotidiana. A rapidez e a severidade com as quais atingiu milhões de pessoas ao redor do globo revelaram a capacidade dos governos mundiais de proverem ações para resguardar a vida dos cidadãos na situação de emergência sanitária internacional. Esse acontecimento ressaltou, ainda, as condições de vulnerabilidade social em que se encontra uma grande parcela da população.

O momento atual requer reflexão crítica, pois, se por um lado a pandemia desnudou o despreparo de muitos governos em face à nova situação de descontrole sanitário, por outro nos convida a rever valores, práticas e ações cotidianas em que o necessário e legítimo distanciamento social imposto para se evitar o contágio pode ser ilustrativo de um distanciamento social anterior, deliberado, que apartou o homem de relações mais humanitárias e cristãs com os seus semelhantes.

O distanciamento social interditou as expressões físicas de afeto nas interações sociais comuns, comprometendo-as. Beijos e abraços se tornam manifestações de risco, representando, simbolicamente, aquele distanciamento social anterior esculpido pelo individualismo excessivo da contemporaneidade. Ironicamente, um dos elementos do culto a esse individualismo se dissolve, em parte, na máscara, tornada obrigatória nas interações sociais, pois acaba ocultando e uniformizando o signo da individualidade nas sociedades ocidentais: o rosto (LE BRETON, 2020).

A pandemia revelou igualmente o quão distantes nos tornamos da natureza, do meio ambiente que dividimos com as outras criaturas, distanciamento demonstrado nas queimadas incessantes das florestas, no desrespeito, desassistência e desprezo aos povos originários e aos pobres e despossuídos das cidades grandes e pequenas, também eles expressões vivas dessa natureza. Apontamos, aqui, a natureza íntima do que faz os humanos seres semelhantes, por dividirem o mesmo solo, os mesmos rios e mares, similarmente degradados pelo homem, e viverem, assim, as angústias, os medos, as dores, as alegrias e a esperança que modelam a nossa existência e nos fazem partícipes comuns daquilo que se denomina, de forma genérica, condição humana.

Em sua Encíclica de 2015, *Laudato Si*, o Papa Francisco aponta o modo desordenado como os homens estão concebendo a vida e suas consequências para as relações humanas e o meio ambiente, em ações predatórias que, no limite, inviabilizam a vida no planeta. O texto papal tece considerações sobre o equilíbrio necessário entre o homem e a natureza, estendendo esse olhar às relações dos homens entre si. Trata-se de escrito portador de esperança, sem, no entanto, deixar de assinalar os desequilíbrios dos homens na conservação do planeta, casa única em que habitamos. Esse desequilíbrio está adoecendo a Terra, em sentido amplo, e os seus habitantes, tanto mais evidente com a pandemia instaurada.

O convite à reflexão sobre a pandemia, sobre a experiência inusitada que ela nos traz, é matéria deste texto. Nele, apresentamos observações sobre o desequilíbrio do homem com a natureza, estendendo-as às relações humanas, emoldurando o cenário em que nos encontramos, expresso também nas desigualdades sociais, e pontuando, sempre que possível, a posição eticamente crítica trazida pelo Papa Francisco na *Laudato Si*.

## A emergência da pandemia

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi informada que um surto de pneumonia atípico fora registrado em Wuhan, cidade da China. No início de 2020, autoridades

sanitárias chinesas confirmaram que o surto tinha como agente um tipo novo de coronavírus, pertencente a uma cepa até então desconhecida, uma vez que era diferente dos sete tipos causadores de variações da gripe, sendo os mais conhecidos o *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (SARS-CoV-2, Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2) e o *Middle East Respiratory Syndrome* (MERS, Síndrome Respiratória do Oriente Médio). Descobriu-se que esse novo coronavírus, altamente contagioso, causa várias infecções; dentre elas, a mais proeminente é a que acomete os pulmões. A doença foi denominada *Coronavirus Disease 2019* (Covid-19) (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2020).

O contágio pelo coronavírus se dá de pessoa para pessoa, pelas gotículas do nariz ou da boca espalhadas quando uma pessoa infectada fala, tosse ou espirra. Essas gotículas também podem ficar depositadas em materiais ou superfícies, como mesas, cadeiras, celulares, corrimãos, maçanetas ou outros objetos utilizados por alguém infectado.

Embora em 80% dos casos da infecção as pessoas apresentem sintomas leves, como febre, cansaço, tosse seca, dores musculares e de cabeça, entre outros, uma em cada seis pessoas desenvolve sintomas severos, como a falta de ar insidiosa, ficando gravemente enferma e necessitando de internação hospitalar e ingresso em Unidade de Terapia Intensiva. Há quem sequer manifeste os sintomas, sendo comum transmitir a doença por não se saber que está infectado (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2020).

Em 30 de janeiro de 2020, mediante avanço rápido do contágio da doença na China e em países vizinhos, a OMS lançou um alerta, classificando a Covid-19 como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. Isso significava, na prática, que os países deveriam se mobilizar em uma cooperação internacional para deter a propagação do vírus em escala mundial. Em 11 de março, a OMS declarou a existência de diversos surtos da Covid-19 pelo mundo, caracterizando-a como pandemia (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2020).

No Brasil, em 26 de fevereiro desse ano, foi registrado o primeiro caso de infecção pela doença (AQUINO; MONTEIRO, 2020): um homem de 61 anos, residente no Estado de São Paulo, que havia estado recentemente em viagem à Lombardia, Itália, país que, naquele momento, apresentava a maior taxa de contágio pela doença na Europa. Em 20 de março, após o Ministério da Saúde confirmar a transmissão comunitária da doença no país (BRASIL, 2020) – isto é, que a transmissão do coronavírus estava se dando pelas pessoas em geral e não apenas por aquelas que viajaram para países com surto da doença –, o governador do Estado de São Paulo declarou “estado de calamidade pública em território paulista” (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2020), para poder dispor dos recursos públicos necessários para combater a Covid-19.

Atualmente, o Estado de São Paulo é o epicentro da doença no país, ou seja, concentra o maior número de casos da infecção, tendo esta se alastrado por todo o território nacional. Algumas medidas sanitárias emergenciais foram tomadas visando diminuir a transmissão e não sobrecarregar o Sistema Único de Saúde, quais sejam: distanciamento social com o intuito de evitar aglomerações, paralisação de serviços públicos e comerciais não essenciais, cancelamento de eventos, *shows* e festivais, adiamento de atividades escolares presenciais e, para alguns serviços, adoção de atividades remotas. Entre as orientações de higiene para se evitar o contágio, encontram-se: lavagem constante das mãos quando do contato com objetos externos, pois o vírus não resiste ao sabão, ou, na impossibilidade de lavá-las, usar higienizador à base de álcool; distanciamento de 1 metro entre as pessoas; e uso obrigatório de máscaras do tipo cirúrgica em ambientes públicos.

As medidas sanitárias de emergência para a contenção epidêmica têm causado impacto na vida das pessoas, sobretudo nos segmentos mais empobrecidos da sociedade, visto que as desigualdades sociais profundas existentes no país se configuram como empecilho para que atendam adequadamente às

medidas profiláticas. O distanciamento e o isolamento social para trabalhadores informais, como faxineiras e camelôs, significam, na prática, a impossibilidade de ganho para sustentar a família. Ainda, observa-se que, nas favelas, devido à alta concentração de moradias, se torna quase inexecutável o isolamento social necessário. Para que esses grupos populacionais possam cumprir as recomendações sanitárias solicitadas, é fundamental haver políticas públicas emergenciais que assegurem o atendimento de suas carências para sobreviver neste período (DIAS, 2020). Apesar de essas medidas serem indispensáveis, os modelos de gestão epidêmica que as inspiram não avaliaram os impactos sociais sobre as condições de vida dos mais pobres (DAS, 2020), contribuindo para o agravamento da vulnerabilidade sanitária e socioeconômica de grupos humanos ao redor do globo.

No que tange aos aspectos da emergência pandêmica do vírus, cientistas têm apontado que a natureza é generativa, isto é, os vírus são gerados a partir de transformações genéticas naturais (CAPUA, 2020). Entretanto, devido à destruição ambiental promovida pelo homem e à mobilidade acelerada das pessoas ao redor do planeta, uma das consequências imediatas observada é a interação de vírus, até então restritos às espécies distintas, com o organismo humano e a sua rápida propagação pelo mundo (CARVALHO, 2020). É ao desequilíbrio da natureza promovido pelo homem que deve ser creditada a emergência da pandemia.

## O desequilíbrio das relações humanas e com a natureza

*Louvido sejas, meu Senhor”, cantava São Francisco de Assis. Neste gracioso cântico, recordava-nos que a nossa casa comum se pode comparar ora a uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora a uma boa mãe, que nos acolhe nos seus braços (FRANCISCO, 2015).*

A epígrafe alude ao início da Encíclica *Laudato Si* (LS), do Papa Francisco (2015), documento que completa cinco anos de sua edição. Nela, o Sumo Pontífice traz a belíssima metáfora da Terra como nossa casa comum e os cuidados que devemos ter com ela.

Também é ela, a Terra – “grande mãe” –, que nos mantém conectados como irmãos de uma grande família; portanto, assevera o papa, não há como separar as questões ambientais das sociais. Tanto as mudanças climáticas, guerras e migrações como a pobreza e o subdesenvolvimento fazem parte de um só processo, repousando, sobretudo, na crise ética em que se encontram os homens.

Essa crise mostra sua face trágica hoje, no paroxismo pandêmico, irrompendo como tempestade em mar bravio a descerrar o véu do desequilíbrio do homem com os seus semelhantes e com a natureza, gerador do adoecimento da “grande mãe” e de seus filhos, pelos quais passamos a temer. Sobre esse temor, admoesta-nos o Papa Francisco (2020) na *Urbi et Orbi* de 27 de março passado:

Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé? Nesta tarde, Senhor, a tua Palavra atinge e toca-nos a todos. Neste nosso mundo, que tu amas mais do que nós, avançamos a toda velocidade, sentindo-nos em tudo fortes e capazes. Na nossa avidez de lucro, deixamo-nos absorver pelas coisas e transtornar pela pressa. Não nos detivemos perante os teus apelos, não despertamos em face de guerras e injustiças planetárias, não ouvimos o grito dos pobres e do nosso planeta gravemente enfermo. Avançamos, destemidos, pensando que continuaríamos sempre saudáveis num mundo doente. Agora nós, sentindo-nos em mar agitado, imploramos-Te: “Acorda, Senhor”.

Na *Laudato Si*, trazendo à luz os vários chamamentos de seus predecessores para o equilíbrio necessário entre o homem e a natureza, o papa evoca São Francisco de Assis, cujo exemplo de comunhão com a natureza se configura como baliza para a construção de um comportamento humano equilibrado. São Francisco nos dá testemunho de que não há separação do cuidado com a natureza e da promoção da justiça social aos mais pobres, bem como que devemos nos empenhar em ações que harmonizem a existência humana no planeta e dos homens entre si (LS, 3-10).

Ao traçar brevemente a biografia de São Francisco de Assis, a partir da análise do louvor cristão “Cântico das Criaturas”, inspirador da carta papal, o monge leigo italiano Enzo Bianchi lembra que São Francisco concebeu esse canto quando já envelhecido, fraco, doente e cego, portanto era com os olhos do espírito que contemplava as maravilhas da criação (BIANCHI, 2017). Nesse louvor, segundo Bianchi (2017), o sol se apresenta como a iluminação vivificante de Deus, nos fortalecendo a cada novo amanhecer com a sua presença; as estrelas são pérolas divinas a testificar o silêncio noturno que inunda, momentaneamente, toda a natureza em seu descanso restaurador; o vento é a respiração do mundo; e a água é o princípio da própria vida dada gratuitamente pelo Criador, por isso não deve estar submetida à posse única. O monge ressalta que a água é louvada por São Francisco não apenas por sua utilidade, mas também por sua humildade, “humildade na sua simplicidade, humildade, porque sempre vai para baixo. Também é preciosa porque fecunda a terra; e dessa preciosidade só nos apercebemos quando falta, na seca” (BIANCHI, 2017, p. 1).

O modelo franciscano de estar no mundo, traduzido como o encanto sereno e o cuidado devotado de São Francisco a todas as criaturas, como destaca o Santo Padre na Encíclica, é o antídoto para o comportamento excessivamente dominador, utilitarista e egoísta do homem contemporâneo, comportamento este baseado na exploração crescente e insustentável da natureza e no consumismo irrefreável. Ele sublinha que, em São Francisco de Assis, “a pobreza e a austeridade não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio” (LS, 11).

Os recursos do meio ambiente são finitos. Na *Laudato Si*, são expressas as consequências da exploração desmedida do meio ambiente pelo homem, repercutindo nas mudanças climáticas. Ressalta-se que essas mudanças, derivadas, sobretudo, do lançamento crescente de poluentes na atmosfera devido à queima de combustíveis fósseis, aliadas ao uso excessivo de agrotóxicos nas plantações e alimentos, afetam mais diretamente as populações empobrecidas, que tendem a habitar as regiões industriais e campesinas. O resultado desse processo para a saúde humana é o acúmulo no organismo de elementos tóxicos, levando, não raras vezes, ao adoecimento crônico de grandes parcelas populacionais. Apontam-se os interesses de grupos financeiros que, na busca pela exacerbação dos lucros, acabam sacrificando a natureza.

Esse anseio econômico pelo lucro desmedido ancora-se no consumismo, intrinsecamente relacionado à cultura do descarte (LS, 20-22), isto é, à ideia de que as coisas valem apenas pela sua utilidade imediata e que esta repousa em bens novos, daí o apelo incessante cultivado socialmente para a aquisição do último modelo lançado pelo mercado, do celular ao carro. Do ponto de vista econômico, bens com vida útil curta, produzidos com menos custos, atendem à maximização do lucro via aumento do consumo, configurando-se, sociologicamente, como obsolescência planejada (BULOW, 1986).

O que não nos serve mais é rapidamente descartado, avolumando-se como lixo no meio ambiente. Partindo da cultura do descarte, a implicação humana na deterioração das condições ambientais ganha contornos também trágicos quando se estende às pessoas, ou seja, quando se passa a tratar o outro como descartável.

A lógica perversa que preside a cultura do descarte estendida às pessoas desnuda as relações utilitaristas que permeiam as interações sociais contemporâneas, corporificadas em alguns discursos sociopolíticos que apresentam os pobres, os adoecidos crônicos e os velhos como pessoas sem utilidade na sociedade. Essa realidade tornou-se explícita com a pandemia: a vulnerabilidade sanitária desses grupos ficou mais evidente, por terem risco de morte mais elevado à doença.

Com relação aos velhos, o governo federal cogitou o isolamento exclusivo desse grupo social, apoiado por setores da sociedade, como o do empresariado. A antropóloga Mirian Goldenberg aponta que essa estratégia evidenciou a “velhofobia”, termo que utiliza para designar o preconceito e o estigma dirigidos às pessoas mais velhas da nossa sociedade, sendo estas consideradas inúteis, desnecessárias e invisíveis (BARRUCHO, 2020). Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, em edição extraordinária, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que mensura os impactos da pandemia na saúde da população e no mercado de trabalho do país levando em conta as diferenças de raça/cor, classe social e educação formal, os segmentos sociais mais afetados pela doença são compostos por pretos, pardos, pobres e sem estudo, os quais, junto aos mais velhos, configuram, eminentemente, os grupos vulneráveis, tanto do ponto de vista sanitário como socioeconômico (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020).

Retornando à crítica papal ao consumismo desenfreado, indica-se que este caminha *pari passu* com a exploração humana exacerbada e contínua do meio ambiente e resulta no esgotamento da água potável, repercutindo na péssima qualidade da água disponível aos pobres, geradora de inúmeras doenças. Aqui, destacam-se a presença de microrganismos e substâncias químicas responsáveis por doenças diversas, como a diarreia crônica, a cólera, entre outras, levando sofrimento e ao aumento da mortalidade infantil entre os mais pobres.

A ausência ou a inadequação do saneamento básico e a falta de acesso à água potável, situações em que vivem os pobres de várias regiões do mundo, constituem um cerceamento de direitos essenciais à vida humana. Enfatiza-se que tanto o saneamento básico quanto o acesso à água potável são condições para o exercício de outros direitos. É mais uma vez o desejo incessante pelo lucro que se sobrepõe a esses direitos, como aponta o Papa Francisco: “enquanto a qualidade da água disponível piora constantemente, em alguns lugares cresce a tendência para se privatizar este recurso escasso, tornando-se uma mercadoria sujeita às leis do mercado”. Há, portanto, uma dívida social enorme aos pobres por terem esses direitos cerceados, sobretudo aqueles radicados na manutenção da vida e da dignidade humana (LS, 29-30). À dívida social aos pobres, indicada na Encíclica, se estende outra dívida, a ecológica, com a perda da biodiversidade ambiental, redundando na privação de recursos naturais importantes para as gerações futuras, não apenas alimentares, mas aqueles passíveis de originar a cura para diversas doenças, matéria de estudo desenvolvido pelas ciências da vida (LS, 32).

É oportuno lembrar o excerto conhecido de *Confissões* (X, 9) (SANTO AGOSTINHO, 2000), em que Agostinho, o santo, na procura do conhecimento do Eterno, remete à ordem da criação divina. Essa bela passagem, além de enunciar o início do processo do conhecimento sensível ao inteligível, ilustra a busca identitária do homem, em um movimento reflexivo do exterior rumo à interioridade humana, possibilitando que ele se reconheça como parte da totalidade criada:

Quem é Deus? Perguntei-o a terra e disse-me: ‘Eu não sou’. E tudo o que nela existe respondeu-me o mesmo. Interroguei o mar, os abismos e os répteis animados e vivos e responderam-me: ‘Não somos o teu Deus; busca-o acima de nós’. Perguntei aos ventos que sopram; e o ar, com os seus habitantes respondeu-me: ‘Anaxímenes está enganado; eu não sou o teu Deus’. Interroguei o céu, o Sol, a Lua, as estrelas e disseram-me: ‘Nós também não somos o Deus que procuras’.



Disse a todos os seres que me rodeiam as portas da carne: 'Já que não sois o meu Deus, falai-me do meu Deus, dizei-me, ao menos, alguma coisa d'Ele'. E exclamaram com alarido: 'Foi ele quem nos criou' (SANTO AGOSTINHO, 2000, p. 264).

Também bela é a passagem na *Laudato Si* (84) em que a busca do homem para compreender a si mesmo não prescinde da natureza, tanto a exterior quanto aquela afeita à interioridade humana, bem como da sua relação com o divino, apresentando-se como movimento no qual o próprio processo do conhecimento de si está imerso na experiência de conhecer as demais criaturas, conhecimento afável, pois se conhece por amor:

Todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus. A história da própria amizade com Deus desenrola-se sempre num espaço geográfico que se torna um sinal muito pessoal, e cada um de nós guarda na memória lugares cuja lembrança nos faz muito bem. Quem cresceu no meio de montes, quem na infância se sentava junto do riacho a beber, ou quem jogava numa praça do seu bairro, quando volta a esses lugares sente-se chamado a recuperar a sua própria identidade.

Entretanto, a peculiaridade humana na ordem da criação material, ou seja, o fato de o homem ser o único animal racional e ter livre-arbítrio, o distancia de ser apenas vestígio do Criador. No esforço por estabelecer os limites da liberdade humana, os homens criam o campo ético e moral sob o qual se desenvolve a vida social.

## A organização do campo ético-moral: a Ordem do Amor

O entendimento agostiniano dos fundamentos do campo ético-moral nos auxilia a compreender como o não equilíbrio entre o homem e a natureza reflete o desequilíbrio anterior consigo mesmo. Segundo o grande Doutor da Igreja, é pela Ordem do Amor (*Ordo Amoris*) que se devem estabelecer os limites da liberdade humana. Antes, porém, para entender o que Agostinho quer dizer quando se refere ao amor que deve orientar a vida ética e moral dos homens, é necessário ter em mente o sentido que ele atribui a esse conceito, que não é igual ao dos modernos. Para estes, o amor está envolto em um sentimentalismo romântico exacerbado; já para Agostinho, o amor não se opõe à razão, senão que a complementa.

Ele define o amor em vários dos seus escritos. Em *De Trinitate*, XV, 21,41 (SANTO AGOSTINHO, 1994), estudo de maturidade intelectual e complexa elaboração metafísica do autor, o conceitua como vontade intensa. Interessa reter, para a discussão ético-moral proposta, que a vontade é uma das potências da alma, participando juntamente com a memória e a inteligência da dinâmica da vida anímica humana, sendo esta composição trinitária o que diferencia, por assim dizer, a alma do homem da dos outros animais.

Em *De Libero Arbitrio*, II, 18, 50-52 (SANTO AGOSTINHO, 1995) a vontade é definida por Agostinho como bem médio pelo qual os homens podem se aperfeiçoar ou não nas virtudes, sucedendo o mesmo com o amor, este também concebido como substância da alma (*De Trinitate*, IX, 2, 2), resultando na asserção que todo homem é capaz de amar. Todavia, se tudo pode ser amável, nem tudo deve ser amado. Na economia moral agostiniana, o amor como bem médio pode ser dirigido tanto aos bens que nos aproximam como àqueles que nos afastam do Eterno, respectivamente aos bens superiores (virtudes) e inferiores (que incluem os vícios).

O homem deve amar acima de tudo o que é imutável, imortal, imperecível e incorruptível, o que não pode perder e nem ser subtraído de si. O homem deve amar, portanto, primeiramente a Deus, e a partir dele ordenam-se os bens aos quais se deve dirigir o amor: o homem deve amar ao próximo como a si mesmo, amar primordialmente a alma ao corpo, a razão à paixão, a virtude ao vício; enfim, cumprindo essa ordem, os humanos se aproximam do Sumo Bem.

Assim, se é possível afirmar que existem “amores bons”, nomeados por Santo Agostinho (1970) de *dilectio* e *charitas* (*De diuersus quaestionibus ad Simplicianum libri duo*, 83, 35, 2), que conduzem o homem ao conhecimento verdadeiro (por exemplo, a justiça, fazendo com que aja de forma equânime consigo e com os seus semelhantes), há amores que o impelem ao desejo egoísta, pelos quais se torna beneficiário único dos seus atos em detrimento do que é devido aos demais. Na concepção cristã do campo ético-moral, atribui-se à vontade, e a esta como amor, o meio pelo qual os homens podem ser livres; portanto, a liberdade é um bem a se conquistar (CUNHA, 2001). O homem será tanto mais livre quanto mais o seu amor estiver direcionado segundo a Ordem do Amor, uma vez que não se é realmente livre quando a vontade se encontra subjugada aos vícios e paixões.

Esse amor ordenado diz respeito, sobretudo, à orientação da vontade para o Bem, mas não exclui a razão, posto que, para Agostinho, apesar da autodeterminação da vontade, ela não está dissociada da razão, ambas concorrendo, vontade e razão, para mover os atos dos homens:

Se, por um lado, a razão isoladamente não determina os atos humanos (posso agir à revelia do que a razão me aponta como sendo o melhor), agimos através de uma razão afetiva: a vontade, ou amor, impelem a ação (não apenas a aquisição do conhecimento). O amor, atrelado à razão, é para Agostinho princípio de movimento do agir (CUNHA, 2014, p. 46).

Embora o entendimento agostiniano da deturpação da vontade, isto é, o pendor volitivo do homem para o que o afasta do Criador, se ancore na noção do pecado como mal metafísico, tema cujo desenvolvimento extrapola os objetivos do presente texto, importa ressaltar a dimensão antropológica atribuída à incompletude existencial humana: Agostinho discorre sobre as fraquezas, vícios e vicissitudes inerentes à vida factual do homem (GROSSI *et al.*, 2002). Certamente, por serem capazes de amar, os homens podem amar o que deve ser amado, mas valorizam em demasia o que deve ser valorizado com moderação, negligenciando, inúmeras vezes, o que deve ser valorizado (CUNHA, 2001).

A valorização do lucro acima da vida, a degradação ambiental, as profundas desigualdades sociais e a miséria vigentes em várias partes do globo, a desvalorização das pessoas mais velhas na nossa sociedade, dos doentes crônicos e dos pobres explicitada pela pandemia refletem esse desequilíbrio anterior da vontade, do amor na alma humana, amor devido ao divino, a si, aos seus semelhantes e à natureza. A valorização incessante do lucro também testemunha a condição da incompletude humana, pois a acumulação crescente do capital não satisfaz os mais ricos do mundo (ALVARÉZ, 2019), riqueza gerada pelo trabalho de muitos que vivem, com frequência, privados das condições que atendam às necessidades básicas humanas. Essa riqueza se converte em preocupação constante nas mãos de quem a tem, já que teme a perdê-la, daí a avareza ser apontada como um dos pecados (vícios) característicos dos ricos, como na parábola bíblica do fazendeiro rico avarento, em Lucas 12, 16-19, e a sua pertinente crítica cristã.

A crise ético-moral contemporânea aludida na carta papal se expressa, ainda, no modelo tecnocrático de gerir os recursos econômicos e ecológicos na sociedade, em que se elege o mercado como mediador da resolução das desigualdades socioeconômicas e da degradação ambiental (LS, 109). No entanto, o mercado não visa à justiça social nem à preservação ambiental, e sim ao lucro (BORÓN, 1999).



Por fim, a crítica se estende ao antropocentrismo desordenado, à supervalorização do homem, mas do homem apartado de suas relações com a natureza, com o outro e com o divino, razão da crise ecológica atual e manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual que o acompanha na modernidade. Nesse sentido, o Papa Francisco elucida o entendimento cristão da singularidade humana no processo da criação, não redutível ao individualismo e ao egoísmo exacerbados tão estimulados na atualidade:

Quando o pensamento cristão reivindica, para o ser humano, um valor peculiar acima das outras criaturas, suscita a valorização de cada pessoa humana e, assim, estimula o reconhecimento do outro. A abertura a um “tu” capaz de conhecer, amar e dialogar continua a ser a grande nobreza da pessoa humana. Por isso, para uma relação adequada com o mundo criado, não é necessário diminuir a dimensão social do ser humano nem a sua dimensão transcendente, a sua abertura ao “Tu” divino. Com efeito, não se pode propor uma relação com o ambiente, prescindindo da relação com as outras pessoas e com Deus. Seria um individualismo romântico disfarçado de beleza ecológica e um confinamento asfixiante na imanência (LS, 119).

A experiência singular da pandemia pode propiciar, segundo a socióloga francesa Nathalie Heinich, a perda das ilusões de onipotência individual e liberdade pessoal como objetivos principais da ação humana, visto que não há saída individual para ela. Nesse contexto, a valorização do interesse geral – a manutenção da vida – coloca-se acima das liberdades individuais. O conceito republicano de cidadania expressa esse interesse, evidenciado pela interdependência social dos indivíduos, ou seja, estamos ligados “não só às pessoas que amamos ou com as que nos são próximas e queridas, mas com todos os nossos concidadãos e até mesmo com todos os habitantes do nosso triste planeta” (HEINICH, 2020, p. 4).

## O bem comum e a nossa casa comum

Se a emergência da pandemia revelou incontestavelmente as crises ético-moral e ecológica em que nos encontramos imersos, a necessidade de uma saída para ambas se torna uma questão urgente. Nesse sentido, impõe-se a reflexão crítica a partir de referencial que tome como primordial o equilíbrio das relações dos homens entre si e com o meio ambiente.

Na *Laudato Si*, o Papa Francisco lança as proposições de uma ecologia integral inseparável do bem comum, este entendido como princípio unitário da ética social, pois representa “o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição” (LS, 122). Sobre o bem comum, destacam-se dois pontos: o resguardo da garantia de direitos fundamentais e inalienáveis da pessoa, e a justiça intergeracional, ou seja, o bem comum engloba as gerações posteriores (LS, 157-159). Com o aprofundamento das desigualdades sociais no mundo e a marcha célere da degradação ambiental promovida pelo homem, que mundo herdarão as gerações futuras? (LS, 160)

A resposta ao questionamento papal, desde uma mirada sobre as ações humanas atuais, aponta para um futuro trágico (LS, 161). Essa constatação motiva o Sumo Pontífice a conclamar todas as pessoas de bom senso e de boa vontade a envidarem esforços para a restauração da “nossa casa comum”, isto é, das relações humanas e com o meio ambiente, objetivo que extrapola as divergências ideológicas e político-partidárias e que não está restrito à esfera religiosa, pois diz respeito à manutenção da vida humana no planeta, tanto contemporaneamente como em um futuro próximo.

O modelo da ecologia integral advogado pelo Papa se ancora na ética cristã, cujos princípios deitam raízes no entendimento agostiniano do campo ético-moral, e postula o desenvolvimento social sustentável.

Esse desenvolvimento não exclui a contribuição da ciência, devendo ser trabalhadas, simultaneamente, as dimensões social, ambiental e da economia, com vistas a reduzir os impactos das crises socioeconômica e ecológica nas populações, de forma geral, e, em particular, nos grupos socialmente vulneráveis (MARIOSIA; PARETO JÚNIOR; ELIAS, 2017).

Dado o aumento mundial das desigualdades sociais e acrescido do fato de que cada vez mais pessoas têm seus direitos humanos fundamentais cerceados, muitos deles baseados na cultura do descarte, Papa Francisco faz um apelo à solidariedade social e à opção pelos mais pobres, uma vez que se constituem princípios basilares do bem comum:

O bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral. Exige também os dispositivos de bem-estar e segurança social e o desenvolvimento dos vários grupos intermédios, aplicando o princípio da subsidiariedade. Entre tais grupos, destaca-se de forma especial a família enquanto célula basilar da sociedade. Por fim, o bem comum requer a paz social, isto é, a estabilidade e a segurança de uma certa ordem, que não se realiza sem uma atenção particular à justiça distributiva, cuja violação gera sempre violência. Toda a sociedade – e, nela, especialmente o Estado – tem obrigação de defender e promover o bem comum (LS, 157).

Essa determinada ordem, instauradora da paz social, pressupõe o movimento do reordenamento dos afetos na alma, expresso, em sentido agostiniano, na valorização do que deve ser valorizado, fazendo com que o homem ocupe o seu devido lugar na ordem da criação, atribuindo-lhe estabilidade, equilíbrio e saúde. Eis uma das trindades evocadas por Agostinho para mostrar o peso do amor direcionado ao Bem na alma humana, redundando na paz (*pax*) e na felicidade (*beatitudo*) do ser (DU ROY, 1966). Inversamente, infere-se que o desordenamento dos afetos na vida anímica resulta em instabilidade, desequilíbrio e adoecimento do homem.

O desequilíbrio interior e exterior está presente na inclinação da vontade para o consumo excessivo, na cultura do descarte e na ideia da exploração desmedida dos recursos naturais. Como destacado pelo físico austríaco Fritjof Capra, os políticos e economistas, representantes do capitalismo globalizado, baseiam suas ações na crença do progresso contínuo e do crescimento econômico ilimitado, em um mundo de recursos naturais finitos e acumulação crescente do capital entre poucos (MENA, 2020).

O aprofundamento das desigualdades socioeconômicas é o resultado desse processo, adverte o físico, cujo princípio de se ganhar cada vez mais dinheiro tem primazia sobre os direitos humanos, a democracia e a proteção ambiental. Nesse cenário, a pandemia é uma resposta biológica do próprio planeta, destaca ele, e a justiça social se torna uma questão de vida ou morte, referida à geração atual e às futuras.

Conforme indicado pelo Papa Francisco na *Laudato Si*, não se pode almejar o desenvolvimento sustentável sem levar em conta as gerações futuras, ou seja, a solidariedade intergeracional pressupõe que os que virão devem herdar os bens naturais que, de fato, pertencem a todos, sendo este um dos aspectos essenciais da ideia de justiça (LS, 159):

Quando pensamos na situação em que se deixa o planeta às gerações futuras, entramos noutra lógica: a do dom gratuito, que recebemos e comunicamos. Se a terra nos é dada, não podemos pensar apenas a partir dum critério utilitarista de eficiência e produtividade para lucro individual. Não estamos a falar duma atitude opcional, mas duma questão essencial de justiça, pois a terra que recebemos pertence também àqueles que hão de vir. Os bispos de Portugal exortaram a assumir este dever de justiça: 'O ambiente situa-se na lógica da recepção. É um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte'. Uma ecologia integral possui esta perspectiva ampla.

Por fim, o compromisso com as gerações futuras, além do legado do meio ambiente sustentável, se estende aos valores que serão difundidos aos futuros cidadãos. O que deve realmente ser valorizado para a manutenção da vida, tanto da vida humana quanto da fauna e da flora, e os objetivos pelos quais trabalhamos durante a nossa existência são questões a serem desenvolvidas com os que nos sucederão, sempre tendo por norte o bem comum. Na perspectiva da ecologia integral, como proposta pelo Papa Francisco, reafirmam-se os princípios de solidariedade e reciprocidade, estruturantes da lógica da recepção, como regentes das práticas socioambientais e dever de todas as gerações.

O princípio de solidariedade deve reger, também, as relações dos governantes com os cidadãos, principalmente com os mais vulneráveis da sociedade, expresso, ainda, no comprometimento ético das nações desenvolvidas com as mais pobres, conforme apontado na Encíclica (LS, 172):

Para os países pobres, as prioridades devem ser a erradicação da miséria e o desenvolvimento social dos seus habitantes; ao mesmo tempo devem examinar o nível escandaloso de consumo de alguns setores privilegiados da sua população e contrastar melhor a corrupção. Sem dúvida, devem também desenvolver formas menos poluentes de produção de energia, mas para isso precisam contar com a ajuda dos países que cresceram muito à custa da atual poluição do planeta [...]. Em todo o caso, trata-se primariamente duma decisão ética, fundada na solidariedade de todos os povos.

## Considerações Finais

Vários questionamentos referentes ao desdobramento da pandemia emergem do quadro atual. Em relação às ciências biomédicas, questiona-se o impacto da doença nos adoecidos, visto que a cada nova descoberta científica sobre o vírus, verifica-se que ele age de forma deletéria nos diversos órgãos e sistemas do corpo humano, ocasionando sequelas importantes, sobretudo nos casos mais severos da doença. No que tange à Saúde Pública, as questões principais centram-se na possibilidade da descoberta, o mais rápido possível, de uma vacina eficaz contra o vírus e como o Sistema Único de Saúde, já tão deficitário, absorverá e responderá, ao longo do tempo, às demandas terapêuticas geradas pela Covid-19.

No campo da Filosofia e das Ciências Humanas, indaga-se sobre os impactos da pandemia na vida cotidiana das pessoas, a mudança de hábitos, a repercussão do distanciamento social nas relações sociais e a extensão das crises ético-moral e econômica observadas nesse período, dentre outros questionamentos. Sobre as crises ético-moral e ecológica apontadas diversas vezes neste texto, há discussões nos meios de comunicação e nas redes sociais da internet. Observa-se que, com o distanciamento social, várias espécies animais têm aparecido em lugares onde, até então, não eram vistas com frequência devido à presença humana ostensiva, como os golfinhos nos canais fluviais de Veneza, na Itália, ou o coiote próximo à famosa ponte Golden Gate, na Califórnia, Estados Unidos. Esses fatos têm sido anunciados pela mídia indicando, implicitamente, a interferência humana no meio ambiente; entretanto, o discurso midiático apresentado carece de aprofundamento, pois ressalta a beleza da natureza sem dirigir as devidas críticas à destruição ambiental promovida pelo homem.

As discussões afeitas ao campo ético-moral desenrolam-se, nesses meios, a partir da seguinte questão principal: como os homens se comportarão após a pandemia? As respostas giram em torno das relações sociais, de quais valores emergirão desse acontecimento inusitado.

De acordo com as respostas, *grosso modo*, alinham-se três correntes de opinião: de modo otimista, há os que acreditam que sairemos melhores desta experiência, valorizando mais o ser humano, instaurando, assim, um “novo normal” na vida cotidiana. Um segundo grupo, que poderíamos caracterizar como

cético, não espera mudanças do comportamento dos homens, acreditando que tudo continuará como está, acrescido do fato de que, daqui por diante, teremos que conviver, intermitentemente, com as medidas sanitárias adotadas na pandemia, o que poderíamos chamar de um “normal com máscara e distanciamento social”. Por fim, há os pessimistas, que acreditam que o ser humano ficará pior, mais egoísta e utilitarista. Para estes, não há “novo normal”, mas a replicação agravada do “velho normal”.

De forma similar às questões ambientais apresentadas pela mídia em meio à pandemia, aqui também não há o aprofundamento crítico da ideia de normalidade: que normal é esse? Na *Laudato Si*, o Papa Francisco traz o diagnóstico desse normal anterior à pandemia, um normal adoecido pela luta, pelo desejo de poder e domínio dos homens entre si e sobre a natureza, reveladores do desequilíbrio humano, tanto interna quanto externamente. Portanto, não há um normal a se resgatar pós-pandemia, mas ações e valores que devem ser revistos criticamente e direcionados à construção de relações mais solidárias entre os homens e em harmonia com a natureza, como tão bem exposto pelo Papa Francisco na Encíclica ao definir o bem comum como fundante da proposta de uma ecologia integral.

É nesse sentido que podemos entender o advento da pandemia, a despeito do modo trágico como acometeu a sociedade. A situação pandêmica nos obriga a refletir por quais caminhos devemos doravante caminhar, uma vez que a forma como estamos vivendo nos trouxe a essa encruzilhada triste da história. Nessa trajetória, a esperança é a força motriz que nos faz prosseguir na luta por mudanças, tanto pessoal como socialmente.

Sobre a esperança, lembramo-nos de uma passagem de “A Divina Comédia”, Canto III, em que Dante, ao iniciar sua trajetória rumo aos nove círculos infernais, lê a inscrição com letras escuras no pórtico do inferno: “Deixai toda esperança, vós que entrais”. Diante da frase imperativa, Dante demonstrou temor pela dureza das palavras. Ele nos faz refletir que, ao abandonar toda a esperança, independentemente do lugar em que se esteja, já se vive em um inferno.

## Colaboradores

Os autores participaram igualmente de todas as etapas da confecção do artigo.

## Referências

ALVARÉZ, P. Os 500 mais ricos do mundo começam 2020 mais ricos do que nunca. *El País Brasil*, Madri, 31 dez. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/economia/2019-12-31/os-500-mais-ricos-do-mundo-acabam-2019-mais-ricos-do-que-nunca.html>. Acesso em: 8 maio 2020.

AQUINO, V.; MONTEIRO, N. *Brasil confirma primeiro caso da doença*. Brasília: Ministério da Saúde. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 15 abr. 2020.

BARRUCHO, L. Pandemia de coronavírus evidência “velhofobia” no Brasil, diz antropóloga. *BBC Brasil*, Londres, 2 maio 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735>. Acesso em: 15 jun. 2020.

BIANCHI, E. O cântico do Irmão Sol: Francisco de Assis “já não era mais um homem que orava, havia se tornado uma oração viva”. *Revista IHU On-Line*, v. 546, 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/572386-o-cantico-do-irmao-sol-francisco-de-assis-ja-nao-era-mais-um-homem-que-orava-havia-se-tornado-uma-oracao-viva>. Acesso em: 15 jul. 2020.

BORÓN, A. Os “novos Leviatãs” e a pólis democrática: neoliberalismo, decomposição estatal e decadência da democracia na América Latina. In: SADER, E., GENTILI, P. (org.). *Pós-neoliberalismo II: que Estado para que democracia?* Petrópolis: Vozes, 1999.

- BRASIL. Ministério da Saúde. *Ministério da Saúde declara transmissão comunitária nacional*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46568-ministerio-da-saude-declara-transmissao-comunitaria-nacional>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- BULOW, J. An economic theory of planned obsolescence. *The Quarterly Journal of Economics*, v. 101, n. 4, p. 729-750, 1986.
- CAPUA, I. O vírus é natural; a pandemia, humana. [Entrevista concedida a] PIVETTA, M. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, 18 maio, 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/o-virus-e-natural-a-pandemia-humana/>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- CARVALHO, R. C. T. A relação entre o meio ambiente e a pandemia de coronavírus. *Consultor Jurídico*, São Paulo, 28 mar. 2020. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2020-mar-28/ambiente-juridico-relacao-entre-meio-ambiente-pandemia-coronavirus>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- CUNHA, M. P. S. *O movimento da alma: a invenção por Agostinho do conceito de vontade*. Porto Alegre: Editora PUCRS, 2001.
- CUNHA, M. P. S. Agostinho: rumo a uma razão afetiva. *Dissertatio*, v. 40, p. 39-47, 2014.
- DAS, V. Science and democracy: what we might have learnt from COVID-19. *Deccan Chronicle*, Baltimore, 23 maio 2020. Available from: [https://www.academia.edu/43347058/Science\\_and\\_Democracy\\_23\\_5](https://www.academia.edu/43347058/Science_and_Democracy_23_5). Access on: June 2020.
- DIAS, P. E. Quarentena é um privilégio que muitos trabalhadores não podem ter. *Ponte Jornalismo*, São Paulo, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://ponte.org/quarentena-e-um-privilegio-que-muitos-trabalhadores-nao-podem-ter/#/>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- DU ROY, O. *L'intelligence de la foi en la Trinité selon Saint Augustin: genèse de sa théologie trinitaire jusqu'en 391*. Paris: Institut d'Etudes Augustiniennes, 1966.
- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si\\_po.pdf](https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf). Acesso em: 3 maio 2020.
- FRANCISCO, Papa. *Homilia: oração bênção urbe et orbi*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-homilia-oracao-bencao-urbe-et-orbi-27-marco.html>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria da Saúde de São Paulo. *Governo de São Paulo anuncia estado de calamidade pública em território paulista*. São Paulo: Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/governo-de-sp-anuncia-novas-medidas-para-intensificar-o-combate-ao-coronavirus/>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- GROSSI, V. et al. *O homem e sua salvação: tomo II*. São Paulo: Loyola, 2002.
- HEINICH, N. Reflexões eliasianas sobre o "autoisolamento" na pandemia. *Blog do Labemus*, 9 jul. 2020. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/07/09/notas-sobre-a-pandemia-reflexoes-eliasianas-sobre-o-autoisolamento-na-pandemia-por-nathalie-heinich/>. Acesso em: 12 jul. 2020.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. BRASÍLIA. *Indicadores de Saúde*. Brasília: IBGE, 2020. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/>. Acesso em: 15 jul. 2020.
- LE BRETON, D. O uso da máscara desfigura os laços sociais. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 13, n. 1, p. 1-4. 2020.
- MARÍOSA, D. F.; PARETO JÚNIOR, L.; ELIAS, S. A. Ciências Sociais e Laudato Si: perspectivas convergentes da temática ambiental. *Cadernos Fé e Cultura*, v. 2, n. 1, p. 67-75, 2017.
- MENA, F. "Pandemia é resposta biológica do planeta", diz físico Fritjof Capra. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 9 ago. 2020. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/fronteiras-do-pensamento/2020/08/pandemia-e-resposta-biologica-do-planeta-diz-fisico-fritjof-capra.shtml?utm\\_source=facebook&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=compfb&fbclid=IwAR1YVSAccJMr8eei-1SSL9BJ0cPEYgtckwzHEOh2a-64BHgJDFokI9usdj8](https://www1.folha.uol.com.br/fronteiras-do-pensamento/2020/08/pandemia-e-resposta-biologica-do-planeta-diz-fisico-fritjof-capra.shtml?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=compfb&fbclid=IwAR1YVSAccJMr8eei-1SSL9BJ0cPEYgtckwzHEOh2a-64BHgJDFokI9usdj8). Acesso em: 15 jul. 2020.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Informativo COVID-19*. Brasília: OMS, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SANTO AGOSTINHO. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1994.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SANTO AGOSTINHO. *De diuersus quaestionibus ad Simplicianum libri duo*. Turnholt: Brépols, 1970. (Series Latina 44).

SANTO AGOSTINHO. *O Livre Arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995.

Como citar este artigo/*How to cite this article*

MATTOS, J. R. A.; SEPARAVICH, M. A. Reflexões sobre a pandemia à luz da Encíclica *Laudato Si. Reflexão*, v. 45, e205078, 2020. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v45e2020a5078>